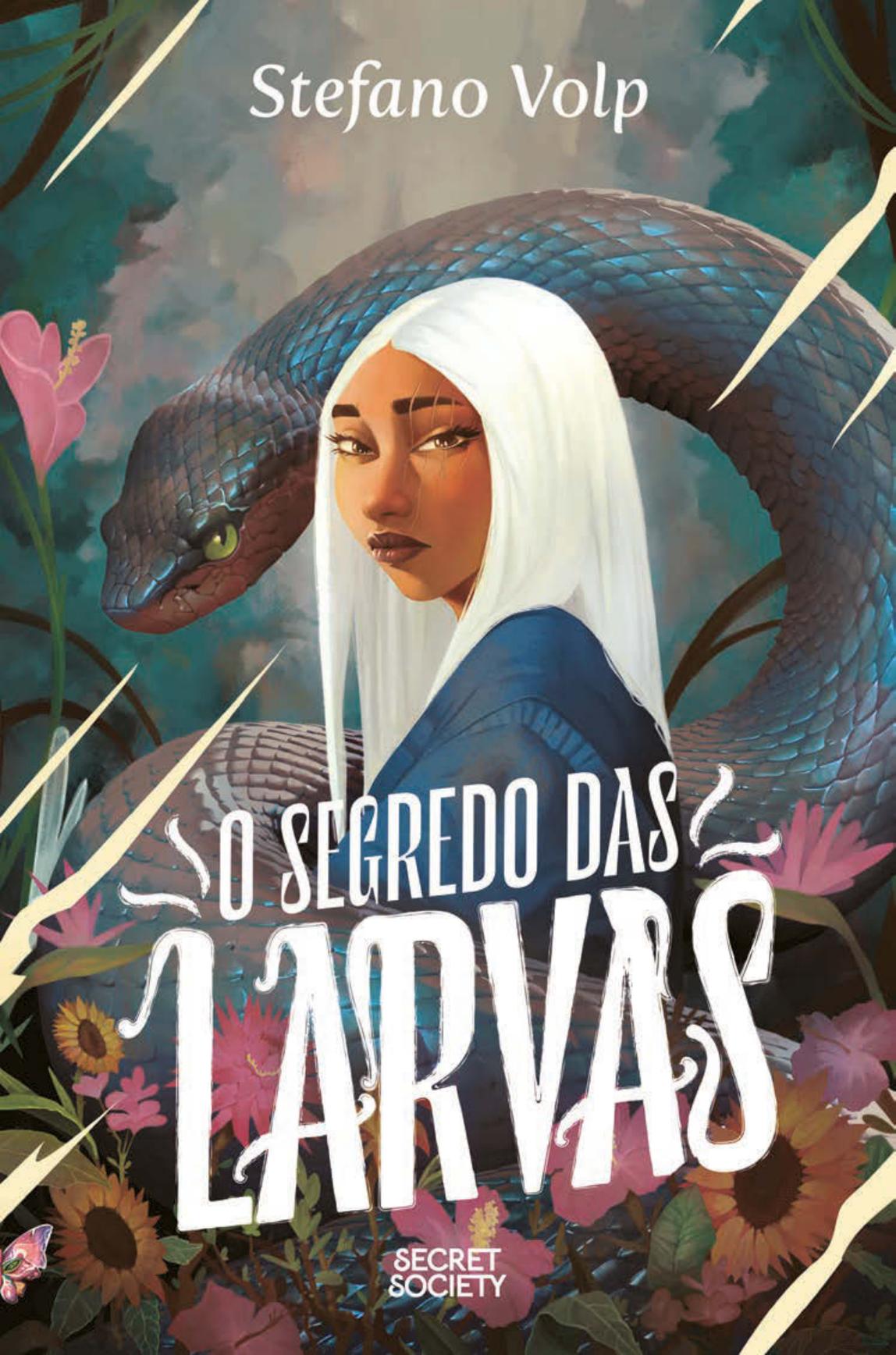


Stefano Volp



O SEGREDO DAS  
LARVAS

SECRET  
SOCIETY

**SECRET SOCIETY**

**TRIGGER WARNINGS**

Classismo

Desigualdade

e segregação social

Eugenia

Extermínio

Genocídio

Guerra

Luto e perda

Morte

Racismo

Tortura

Violência

Eu não vou sucumbir  
Avisa na hora que tremer o chão  
Amiga, é agora  
Segura a minha mão

Elza Soares



# Parte 1

## O homem com um rio nos olhos

Fecho os olhos, à espera. A minha mãe ganha coragem, crava a ponta das unhas afiadas no meu rosto e rasga-o com um gesto brusco. Reprimos o grito. Quando ela repete o gesto é ainda pior. Os rastos das unhas arrancam-me pequenas lascas da pele. Prendo o choro e mantenho os olhos fechados para confundir as lembranças do futuro, porque sei que o pavor e o ódio lhe preenchem cada ruga do rosto, mas nada disso é direcionado a mim.

*A tua mãe não te odeia. Não tem que ver contigo, Freya. Aguenta.* E ela arranha-me outra vez, com mais força. Duas. Três. Quatro vezes. Tantas que já não consigo contar. Os gritos dela parecem guinchos estrangulados. Trémula, aguardo até que ela se canse, perca a força e desabe sobre os cacos que sobram de mim. É exatamente isso que acontece, de maneira tão horrível e dolorosa como da última vez, há quatro anos.

Abro finalmente os olhos e sinto cada centímetro do meu rosto a arder. Os cortes provocam-me comichões e gotas de sangue escorrem e misturam-se às lágrimas que escapam contra a minha vontade. Preciso que os ferimentos inflamem a ponto de me desfigurarem a face, por isso, tenho de resistir ao desejo pungente de aplicar algum unguento ou atravessar Absinto a meio da noite em busca dos feitiços da minha tia-avó. Mais uma vez, ela irá desaprová-lo acordo quadrienal entre mim e a minha mãe, que agora não consegue controlar a baba que lhe escorre pela boca sem língua, o olhar a vagar pelos escombros da sala. Nada muito diferente do normal.



Tentando ignorar o ardor e a frustração, aguardo que o stress a faça adormecer. Os seus lábios mexem-se como numa prece silenciosa e apressada. Noutras circunstâncias, poderia afagar-lhe a longa cabeleira branca ou sussurrar-lhe uma canção tranquilizadora. Mas não agora. Não com os cortes que me dilaceraram até ao avesso da pele. Todos os pedidos de desculpa antes de me agredir parecem nulos. Não quero desculpá-la. *Podias deixar de a amar agora e só voltar a sentir algo bom amanhã.*

O toque de recolher soou há pouco e isso significa que já não temos energia elétrica em nenhuma parte da colónia. Assim, ajeito a minha mãe no sofá, acendo os lampiões, verifico que todas as trancas da porta estão ajustadas e só então consigo respirar um pouco mais aliviada.

Conforme me dirijo ao meu quarto, os degraus da escada reclamam como sempre. Como dizem, sou privilegiada. Na verdade, não acredito que pessoas como nós tenham algum privilégio na vida. Apesar de a nossa casa ser uma das maiores da colónia, com teto de cimento, boas janelas, cómodos largos e um forno a lenha invejável, tenho vontade de a implodir e reconstruir com dinheiro limpo, com a simplicidade e assinatura do nosso povo, longe de qualquer interferência da metrópole.

Como não é possível, faço o que posso para que a casa sirva como algo que Éden não conseguiu calcular antes de a entregar aos meus falecidos avós, transformando-a num abrigo para vizinhos nos dias mais frios e, uma vez ou outra, num tipo de esconderijo para as raparigas mais novatas quando os estrangeiros reiniciam o ciclo de horror, como agora. Da última vez não resultou.

Estou habituada a ouvir as pessoas falarem mal de mim como se eu não as pudesse ouvir. «Que nome ridículo», «O quarto dela deve ser entediante como ela», «Aposto que o que aquela casa tem de grande tem de insossa por dentro», «Alguém já viu a Freya sorrir?», e por aí adiante. Se agora conseguisse mexer o rosto sem sentir ardor, talvez sorrisse ao imaginar a cara dos idiotas da colónia. Estão enganados a meu respeito, porque as quatro paredes ao meu redor estão cobertas de tudo o que preciso para me sentir melhor aqui.



Uma enorme bandeira revela uma praia cheia de ondas e surfistas a equilibrarem-se em pleno verão. Também há muitos mapas e desenhos de castelos, cascatas e nuvens radioativas. Os desenhos cobrem as paredes inteiras, afogando o vazio.

As nômadas fazem um ótimo serviço quando cá vêm, contando histórias da beira do mundo. Carregam cantigas sobre as terras do outro lado da cerca elétrica, da época em que a província se chamava Brasil. Graças a elas e ao meu tio Greyson, fiz todos estes e muitos outros desenhos desde pequena, mesmo nunca tendo visto nenhum destes lugares e coisas.

*Bora, miúda.* Ignoro os espelhos, os devaneios e a dor para me enfiar debaixo da cama, puxando a mala escondida e desafivelando-a com alguma pressa. Não temos tempo para correr riscos. Os filtradores voltaram à cidade para premiar mais 14 raparigas com uma viagem até à metrópole. Há um prémio dissolvido em recursos permanentes para a família das selecionadas, como lenha, sementes, caça privilegiada e melhorias na casa, como os meus avós receberam. Só que não deviam chamar prémio a esses benefícios, porque não passam de uma distração. A passagem para a metrópole é uma ida sem volta. Quem passa para o lado de lá e conhece a vida em Éden nunca mais regressa.

Se fosse assim tão bom, imagino que as raparigas voltariam para contar as novidades, reabraçar os velhos amigos e a família. Mas não é o que acontece. Em todos estes anos de seleção, a única pessoa que regressou foi minha mãe, com a língua decepada e a alma perdida algures fora do seu corpo.

Começo pelos desenhos de armas. Já que são rascunhos sem vida, é fácil identificá-los num mar de cores e rabiscos. Descolo das paredes os meus rascunhos perfeitos das ARX 1866, B33 e Apolo Z15. São armas utilizadas pelos besouros, os soldados de preto que acabaram de chegar com os filtradores. Enquanto observo as minhas ilustrações, prendo os meus longos cabelos encaracolados e percebo o quanto sou boa nisto. Não são apenas desenhos, mas representações minuciosas registadas pelo meu olhar atento ao longo dos meus 17 anos de vida, e não quero que o meu conhecimento



se transforme em desvantagem caso a nossa casa seja invadida. Por isso, protejo-os com pedaços de pano no fundo da mala. Esboço um sorriso orgulhoso e depois... *ai!*

Os cortes reclamam na minha face agora provavelmente mais horrenda do que as fuças de um urubu. Há coisas muito piores aqui que, caso sejam encontradas, me farão ser fuzilada, como a granada velha no fundo da quarta gaveta, um dos meus objetos favoritos, surripiada da casa do Tico, que a usava como bola numa das muitas partidas de futebol dos fins de semana, ou a luneta de um filtrador burro que roubei há duas filtragens, e um estranho objeto que, quando se aperta, projeta um pontinho vermelho para onde é apontado. Uma vez, utilizei a minha agilidade no telhado para perseguir um besouro idiota. Ele usava o objeto como se fosse um brinquedo, apontando para os corpos das raparigas e guiando-as até cantos sombrios após o toque de recolher. Distraiu-se, perdeu.

*Pronto.* Reúno na mala todos os itens que recolhi arriscadamente desde que tinha 10 anos. O meu coração retumba ao mesmo tempo que as minhas lágrimas. Consigo sentir o cheiro da graxa que vou precisar de passar no cabelo para o embetumar, e do pó de carvão que a minha mãe me vai obrigar a aplicar na beira dos cortes para piorar a minha aparência. Vai levar semanas até que tudo cicatrize, até que as chacotas parem de ecoar por aí. As raparigas de Doravel vão dizer «não precisavas de te esforçar tanto pra não seres escolhida», os olhares de pena vão trancar-me dentro de casa durante longas semanas.

Infinitas teorias são tecidas pelo nosso povo. A mais aceite é que a quantidade de homens na metrópole ultrapassa a de mulheres. De qualquer forma, os filtradores estão aqui à procura de raparigas atraentes. Não é como se fôssemos entrevistadas quanto à ida para Éden, se é que somos realmente enviadas para um lugar assim tão bom. Ninguém quer saber da nossa vontade, se estamos comprometidas com a família, com um companheiro, companheira. Presumem que todas nós sonhamos com o dia em que seremos escolhidas para atravessar o cercado sem morrermos eletrocutadas ou levarmos um tiro na testa.

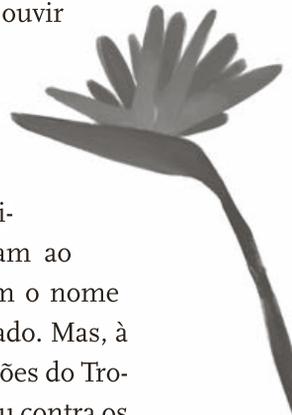


Deixo as lágrimas escaparem pelo relevo irregular do meu rosto porque, para ser sincera, nem eu tenciono ficar para sempre aqui. Também quero ir. Também quero saber se tudo o que as nómadas contam é real. Se existem mesmo cidades cercadas por cascatas que nunca cessam e são saudadas por incontáveis arco-íris todos os dias, ou se existem colónias onde o chão é de areia e a água da praia tenta puxar os calcanhares das pessoas, convidando-as a relaxar, se existem cidades cercadas por nuvens brilhantes e radioativas onde somente quem é da cor da noite, como a maioria de nós por aqui, as pode atravessar. Se existe energia à noite. Se existe vida além da morte.

Era uma noite de inverno quando vivi um dos maiores sustos da minha infância. Mesmo que a vida não me deixasse ser apenas uma criança, eu ainda tinha 9 anos. Naquela época, a minha *tinyanga*, que também é a minha tia-avó Cremilda, ainda morava nesta casa. Foi a primeira fogueira de inverno sem a presença dos meus avós e a última vez que fomos juntas à noite à Festa da Cabeça do Javali, eu, a minha mãe e a minha tia, embaladas pelo batuque dos atabaques, antes de nos sentarmos em volta do fogo para ouvir a sabedoria da nómada recém-chegada.

Ela despejou sobre nós a história de um homem branco que nascera com rios nos olhos. Os anciãos da Terra tinham-lhe concedido o poder de governar os novos reinos, de reiniciar o mundo com justiça e piedade, sobretudo para aqueles que sobreviveram ao Breu em miséria profunda. O homem foi coroado com o nome de Terceiro Adão, e chamou Éden ao seu primeiro reinado. Mas, à medida que os anos passaram, Adão sucumbiu às seduções do Tronco de Tronco e o seu orgulho cresceu tanto que conspirou contra os próprios líderes, retirou o poder aos anciãos e explorou a terra para que o servissem a ele e aos seus.

A nómada encerrou a história e as pessoas ficaram azedas. As reviravoltas são um momento esperado, precedem o final feliz e arrancam-nos os nossos mais fervorosos aplausos. Contudo, aquela nómada de pele quase castanha e olhar acinzentado, além



de não ceder aos pedidos de uma continuação, foi-se imediatamente embora e nunca mais voltou.

Quando nos libertámos do magnetismo momentâneo, eu e a minha tia-avó não encontramos a minha mãe por perto. Nem em lado nenhum. Ninguém sabia da Marcada. A minha mãe tem demência e perde-se com facilidade. Mas, dessa vez, ninguém a vira, nem sequer uma pista ou sinal. Passámos a noite à sua procura pelos quartos, pelas casas vizinhas, pelos becos, pela mata, entre os escombros da Pedreira, e nada. Ninguém quis ajudar por muito tempo.

Muitas horas depois, já no meio da madrugada, estava deitada nesta cama atrás de mim, quando ouvi um leve murmúrio no andar de baixo. Senti mais curiosidade do que medo. Peguei no lampião do quarto e desci as escadas, tentando não fazer barulho. Era tão pequena que os degraus da escada eram maiores do que os meus pés. Mantinha os olhos bem abertos, atenta a qualquer revelação. Os murmúrios tornavam-se cada vez mais audíveis, vindos da cozinha. Um forte odor a urina e fezes azedou-me o nariz. Quis recuar, não acreditar, mas então soube que ela estava lá, como os vencedores de um jogo das escondidas que triunfam ao enfiarem-se nos esconderijos mais óbvios.

— Mamã — disse, abrindo a porta do armário da cozinha. Naquela altura, ela ainda tentava falar. Não tinha a língua na boca, mas repetia as palavras à sua maneira. Se as repetisse muitas vezes, era possível decifrá-las. Inacreditavelmente encolhida e esmagada no compartimento do armário, agachada num buraco escuro entre as próprias fezes e urina, com os cabelos brancos empapados de suor, a minha mãe repetia a frase de que nunca mais me esquecerei.

— Ele fez-me isto. Ele fez-me isto. Ele fez-me isto.

Escorre-me uma última lágrima enquanto avanço em direção à bandeira com a pintura da praia, desprendendo-a da parede. Além de ser uma das minhas pinturas favoritas, esconde o desenho que encaro de dentes cerrados, o único desenho neste quarto feito por outras mãos, arrancado de uma pilastra em Doravel. A pele macilenta do homem estica-se pelo rosto quadrado. Fios castanhos cobrem-lhe a cabeça e a barba espessa.



Conheço bem o rio nos seus olhos e espero que os rios do mundo não se pareçam com este. Não são bem como eu imaginava ao ouvir a história da nómada. São pequenos, escuros e frios, os olhos que encaro quase todos os dias, alimentando-me a alma com o sabor amargo das minhas promessas.

O verme chama-se Ádamo, o homem que preside Éden, o responsável pelo sentimento de invalidez dos meus avós, pelo apagamento do meu tio Greyson e por enterrar a alma da minha mãe num compartimento escuro e perdido para sempre. *Ele fez-lhe isto.* E não há nada que eu anseie mais do que a cabeça do Terceiro Adão.



## 2

### Céu escuro com explosões coloridas

O sol aquece-me o rosto e ilumina tudo ao meu redor, mostrando o quanto seria melhor se a eletricidade fosse cortada de manhã, em vez de à noite. Não precisaríamos de usar tantos ferrolhos nas portas por precaução, não aconteceriam tantos roubos de batatas e óleo, o tráfico de *todacura* teria menos impacto e a vida seria mais segura para todos nós.

Pela primeira vez após muitos ciclos da lua, odeio o vento que sopra sobre os fios embaraçados da minha cabeça, despertando o cheiro a lama e lembrando-me do quanto estou imunda. A pasta que passei no cabelo antes de dormir é uma mistura de óleo de máquina de costura, lama e pó de carvão.

Aliás, se o sopro do vento fosse o único lembrete, seria ótimo. É notório que as pessoas passaram a deslocar-se de cabeça baixa por causa da intervenção militar. Mesmo assim, quando me olham, não conseguem disfarçar a expressão de susto e reprovação, fixando-se em mim por mais tempo do que o necessário. A maioria das raparigas da minha idade esconde risinhos e faz-me odiar a forma como desfilam pelas ruas com as saias rasgadas ao meio e decotes pronunciados. Será errado os meus desejos oporem-se a estes?

Dois besouros caminham na minha direção e tento evitar o contacto visual. A armadura que lhes cobre o corpo dos pés à cabeça lembra-nos de quão insignificante é a nossa tecnologia diante da monstruosidade da metrópole. Pretas e à prova de bala, as placas fundem-se com o visor escuro dos capacetes redondos, conferindo-lhes um aspeto temível. Desvio o olhar e não demoro a alcançar



o meu destino: uma das construções mais largas da nossa colónia, com tijolos à vista e um letreiro gigante feito de letras de madeira carbonizada a formar a palavra DORAVEL — como se o nosso povo tivesse direito à alfabetização.

— Credo, que cheiro pestilento! — reclama Xénia, a arrogante, cuja diversão diária é fazer troça das outras raparigas. — Sabias que a limpeza faz parte das regras de conduta do trabalho?

— Bom dia para ti também.

— Volta aqui, filha da Doidinha. Estás na escala da limpeza este mês. Aproveita para lavar esse farrapo a que chamas cabelo...

Deixo que a voz dela desapareça atrás de mim e sigo pelo corredor sombrio. Os olhares e as piadinhas continuam enquanto atravesso a fábrica. Não posso dizer que todas as raparigas desdenham da minha aparência. Muitas oferecem-me o silêncio como condolência. Afinal, sou aparentemente a mais empenhada em não ser seleccionada, e toda a gente aqui sabe que isso tem que ver com o meu apelido.

Também não vou dizer que todas se esforçam por parecer mais atraentes, exibindo partes do corpo em decotes provocadores. Algumas apenas se vestem melhor e limpam o rosto com mais dedicação. Deveria eu preocupar-me em guardar os detalhes dos rostos destas raparigas para, em breve, desenhar aquelas que vão desaparecer?

Doravel é uma das fábricas mais antigas de Absinto, onde nós, mulheres, produzimos todo o tipo de tecido exportado para Éden. Para mim, que já enfrentei meses a limpar a entrada da Pedreira — o trabalho que mais emprega pessoas na colónia —, as paredes da fábrica cheiram a paraíso, ainda que a jornada aqui não seja fácil. Um sistema de rotação obriga-nos a experimentar todas as secções: costura, personalização, limpeza, tingimento, embalagem. Tal como os outros postos de trabalho em Absinto, as atividades em Doravel precisam de ser encerradas às 18 horas, já que à 12.<sup>a</sup> badalada do sino, às 19 em ponto, a energia é cortada em toda a colónia até que o sol nasça novamente.

Na Pedreira, tudo era diferente. Lá, ocupei a vaga de servente que pertencera ao meu avô, antes de os colegas o encontrarem



morto em pleno trabalho. Quando a minha mãe foi Filtrada, os meus avós usufruíram dos benefícios enviados pela metrópole, como a renovação da casa e a cesta de alimentos mensal. Apesar disso, o meu avô nunca abandonou a Pedreira, e as pessoas diziam que ele nunca se conformou com a partida da filha. Diferente da minha avó, que, segundo se dizia, gostava de encher a boca para se gabar da vida confortável que a filha levava do outro lado.

Às vezes, quando estou a aquecer raízes para o jantar, a matar uma galinha ou a arrancar os pelos de uma orelha de porco prestes a virar uma feijoada miserável, apanho-me a imaginar o susto que os velhos tiveram quando a minha mãe apareceu à porta de casa, muda, ferida e com os olhos vazios. Às vezes, crio a imagem do meu avô a correr até à vedação e a exigir uma explicação dos vespas, sendo detido e ameaçado por uma pistola que lhe beija a testa.

Teço na minha mente a angústia da minha avó ao não conseguir arrancar uma única palavra da própria filha. Imagino toda a dor acumulada da impotência e da injustiça sobre os ombros das duas pessoas que vi existir até ao fim da minha infância. Quando a minha avó morreu deitada na cama, o meu avô acompanhou-a ainda na mesma lua. Pior do que isso foi ver os olhos da minha mãe desejarem lágrimas que nunca chegaram.

Pergunto-me sempre porque é que as pessoas não conseguem entender que, como o meu tio dizia, estamos em guerra. Há poucos dias, todos nós fomos acordados a meio da noite por um estrondo não muito distante. Na manhã seguinte, os boatos acumulavam-se mais do que as libélulas perto do valão. Alguns dizem que Babel, a colónia vizinha, se rebelou. Outros, que rebeldes tentaram derrubar a vedação elétrica com um motim organizado que culminou na explosão do gerador de energia. Se o estrondo em Babel for um sinal de esperança, tenho a plena convicção de que não é um código fácil de decifrar.

— Fogo na terra! Outra vez com essa história de cortar a cara, miúda? — diz Silvana, no balcão do segundo andar.

Presas nas minhas confabulações, limito-me a aguardar enquanto ela me vira as costas, procura a chave que vim buscar e a entrega.



— Primeiro ou segundo andar? — pergunto, baixando ligeiramente a cabeça, desviando o olhar.

— Latrinas, azulejos... preciso que trates das casas de banho e da cozinha hoje. Vê se prendes esse betume — diz a mulher magra, de pele quase do mesmo tom que a minha. — Estragar um cabelo tão bonito como esse para quê? Preferes mesmo viver aqui?

Agarro no molho de chaves e afasto-me de Silvana com a resposta presa na garganta, porque, muitas vezes, nem eu quero ouvi-la de mim mesma. Sou incapaz de encarar a minha própria verdade, porque ela cheira a traição.

Caminho até ao armário da limpeza nos fundos da fábrica e recolho as ferramentas de trabalho do momento. Toalhas, bacias, soda cáustica, esfregonas. Apesar de ter eletricidade, Doravel é mal iluminada. Os pombos empoleirados nas ripas de madeira do teto deixam-me sempre nervosa. Não quero ser presenteada com as fezes dessas aves. A sorte não existe.

Passo o dia inteiro a esfregar lavatórios e azulejos até ver as pontas dos meus dedos enrugarem. Um sinal sonoro agudo anuncia o intervalo das tarefas, e todas nos apressamos para a fila do refeitório, porque ser a última pode significar comer as sobras. As cozinheiras servem o famoso caldo vermelho, uma espécie de sopa com vagens e carcaça de frango, tão carregada de condimentos que a água se tinge de escarlate.

— Vai sobrar para ti hoje, hã — comenta a rapariga à minha frente, quando vê a minha cara de frustração. Ela mesma, Melissa, que ocupava o meu cargo na semana passada, ajoelhada em lajes rodeada de esfregonas. — Nem Deus consegue tirar o vermelho dessas panelas.

— E Deus existe? — murmuro, mas agradeço em silêncio porque ela não olha demasiado para a minha cara nem se sai com alguma piada.

A cozinheira enfia a concha na panela e despeja caldo no prato dela. Um pedacinho de pão é colocado no canto da bandeja. Quando tudo está pronto, Melissa vira-se para mim e pergunta:

— Diz-me uma coisa, *Feya*. Tens assim tanto medo da Filtragem?



*Estava a demorar.* Não quero responder.

— Estou a falar contigo — insiste ela. — Achas-te assim *tão* bonita para seres escolhida?

A frase acerta-me como uma pontada. Sempre fui consciente do que enfrento desde pequena. Não são poucas as raparigas que me tratam como se eu fosse diferente por causa da minha pele mais clara ou do cabelo mais liso. Sei o esforço que fiz para me encaixar entre as raparigas mais escuras da colónia, até desistir a meio. E, sim, desconfio que os brancos da metrópole tenham tendência a preferir raparigas como eu. Todas o sabemos.

Mas como posso sentir-me bonita se pareço corresponder ao padrão desejado por homens que nos querem oprimir? Como posso gostar da minha aparência se não me assemelho assim tanto à minha mãe e nunca tive a oportunidade de conhecer o meu pai?

As cozinheiras olham para mim como se esperassem uma resposta. Ninguém atrás de mim se queixa do ritmo da fila.

— Então? És burra? — devolvo, perdendo a paciência. — Isso não interessa nem a ti nem a ninguém.

Uis e ais ecoam entre as raparigas. As cozinheiras riem.

— Luta! — grita alguém.

Mas antes que qualquer ameaça continue, um desertado abre as portas com um gesto brusco e desfila pelo refeitório, acompanhado por duas da sua laia. O silêncio segue-os por onde passam. A pele dos três é branca, como a da maioria das inspetoras de Doravel. É normal vermos mulheres brancas em cargos superiores por aqui. Vivem em pequenas vilas na saída de Absinto e revezam-se entre as colónias de estação em estação.

Mas... um homem?! É a primeira vez que eu e, com certeza, a maioria das raparigas vê um homem aqui. Até as veteranas, como a própria Melissa, ficam boquiabertas quando o tipo calvo entra, sobe para uma das mesas e esboça um meio sorriso. As duas desertadas posicionam-se



ao lado dele como guarda-costas, mas qualquer uma de nós poderia derrubá-las com facilidade num mundo ideal. Uma delas ergue uma flâmula verde com o famoso símbolo de uma árvore frondosa atrás de duas espadas cruzadas.

— Obediência, lealdade e merecimento — diz ele. O homem, como todos os desertados, veste-se inteiramente de branco. Um tecido mais firme aperta-lhe o manto na altura da barriga. Dependendo do movimento, um fino relógio aparece-lhe no pulso, e pergunto-me se não será uma espécie de algema. A minha *tin-yanga* diz que todas as pessoas brancas sentenciadas a servir nas colônias estão aqui para pagar por crimes cometidos na metrópole. — Com todo o respeito e licença da vossa autoridade, precisamos de interromper o vosso dia de trabalho para uma mensagem esplêndida enviada por vossa senhoria, a nossa luz à margem do rio, o nomeador das novas nações, Presidente Ádamo — anuncia com um sotaque carregado, como se tivesse ensaiado a mesma fala trezentas vezes.

Por mais que o cheiro do caldo vermelho me abra o apetite, o nome pronunciado embrulha-me o estômago e apanha-nos a todas desprevenidas. Os olhos do homem alimentam-se brevemente da sensação do inesperado, da nuvem de tensão que se adensa. Espio as duas entradas da cozinha e observo as últimas raparigas que chegam a correr e espantadas. Provavelmente, tinham almoçado antes ou trabalhavam em áreas mais afastadas.

— A primeira mensagem é, na verdade, o primeiro presente. Em nome do Trono de Tronco, como forma de reconhecimento por todo o serviço prestado à sua metrópole por jovens tão talentosas e dedicadas, Éden oferece-vos os Dois Sétimos, que representam um tempo de descanso. Todas as fábricas e estabelecimentos permanecerão fechados por dois dias. Nenhum assalariado deverá trabalhar nesse período, e os dois dias de trabalho não realizados serão pagos pela metrópole. Porque Deus descansou ao sétimo dia, a partir de amanhã, isso acontecerá uma vez por ano.

As desertadas mostram os dentes branquíssimos, na tentativa de estimular a euforia da plateia. O homem mantém a expressão



de alegria forçada dentro de um olhar vago que a ninguém quer encarar. Estamos a demorar a processar a informação. Passa quase um minuto até que algumas raparigas troquem sorrisos de alívio e expectativa. A maioria, incluindo eu, permanece imóvel, à espera do restante. Não quero aceitar presente nenhum do grandessíssimo idiota nomeador das novas nações.

— O segundo presente — anuncia o desertado, com uma pausa dramática. Ergue as sobrancelhas, arregala os olhos num sinal de aviso. — De maneira nenhuma desejamos desonrar a criação de Deus, que nomeou o sol como o astro-rei da manhã e a lua como a dama da noite. Recebemos e honramos a sua luz. Mas também compreendemos quão difícil é para cada pessoa que vive neste hemisfério após o Breu, sem o poder da eletricidade à noite. Assim como o é para vocês, é para a maioria de nós. Mas hoje trago boas-novas — anuncia ele, precedido por outra pausa. — Em nome do Trono de Tronco, a vossa eletricidade não será cortada durante os Dois Sétimos. A partir de amanhã, pela primeira vez, a vossa Colónia de Absinto receberá duas noites de luz. Este gesto repetir-se-á uma vez por ano, para que assim possam aproveitar os Dois Sétimos da melhor forma possível.

Os suspiros eufóricos finalmente reverberam. Uma onda de surpresa e curiosidade agita os rostos das raparigas, remexendo o surto de expectativas em que vivemos soterradas.

Volto a observar as pessoas brancas e as suas feições sempre demasiado esquisitas para nós. Não estou a conseguir assimilar as informações. Nunca vivi a experiência de passar uma noite com eletricidade e quero sorrir como a maioria de nós. Só que o meu alívio não vem, e aguardo ansiosamente pelo próximo recado.

— A terceira e última mensagem — retoma o homem, mal contendo um sorriso de canto a canto. — O Trono de Tronco convoca todos os cidadãos de Absinto, sem exceção, jovens e velhos, sãos e doentes. Todos deverão comparecer à Praça da Ponte amanhã, assim que o sino tocar. A Praça estará iluminada e receberemos, pela primeira vez na história desta colónia, com uma esplendorosa queima de fogos em celebração à sua visita, a presença dele, vossa



senhoria, a nossa luz à margem do rio, a raiz e o tronco do Trono, o vosso Presidente Ádamo. Obediência, lealdade e merecimento.

O quê? A minha garganta seca e as minhas mãos quase pingam de suor. A onda de curiosidade transforma-se agora num terremoto. Não consigo distinguir uma única rapariga ou mulher que não arregale os olhos ou leve uma mão ao peito, à boca, sorrindo ou até mesmo abraçando a companheira ao lado.

As duas desertadas puxam uma salva de palmas. Os aplausos ecoam pelo refeitório. Algumas de nós estão demasiado incrédulas para aplaudir, outras ganharam um brilho nunca antes visto no olhar. Melissa apoia a sua bandeja na bancada e bate palmas com toda o entusiasmo possível, soltando um «Viva!».

Perdida entre os estalidos eufóricos, observo o homem mais uma vez. O sotaque nas suas palavras embola-se na minha mente, e lembro-me de um dos desenhos que guardei na mala há algumas horas: um céu escuro com explosões coloridas e vibrantes. É isso que as nómadas costumam dizer que são os fogos-de-artifício.

De repente, a expectativa de finalmente ver o fenómeno com os meus próprios olhos dá uma cambalhota dentro de mim. Talvez deva aplaudir. Ainda mais. Talvez esteja perante a melhor oportunidade para fazer o tal dono do Trono de Tronco engasgar-se com uma flecha na garganta e sangrar até pagar por nos escravizar. Porque era isso que o meu tio dizia que éramos, antes de lhe terem dado um tiro na cabeça. Escravizados.



# 3

## Caju

— Não sabia que as colónias cheiravam pior do que os esgotos das mulheres do deserto — diz o filtrador, vestido com a sua capa cinzenta, segurando uma lanterna na mão. A forma como se ri da própria piada denuncia a sua juventude.

— Já é tarde para te arrependeres — constata o outro. Mede o mesmo que o parceiro, mas tem o corpo três vezes mais largo e fala com um tom seco, sem entusiasmo.

— Arrependido, eu? Nada disso. Se esta for mesmo a última Filtragem, a kimani mais valiosa vai para a minha conta. Queres apostar?

O comentário faz o grandalhão soltar um sorriso que mais parece um grunhido. À luz da lua e das lanternas, os dois descem a ruela até uma esquina, um pouco afastada das casas, mas ainda suficientemente perto para que eu os oiça do alto.

De dentro das vestes, o grandalhão saca de um isqueiro e estende a mão ao parceiro. O novato entrega-lhe a ponta de um cigarro e ambos decidem tirar os capuzes para fumar. Enquanto o cheiro de *todacura* se adensa, observo os relógios prateados nos pulsos de ambos — as mesmas pulseiras que os desertados usam. Aproveito para gravar os rostos deles na memória. A pele branca do mais novo está salpicada de pintas. O outro é careca, com um rosto massudo e um olhar pouco amigável. Do telhado da casa mais próxima, fundida com as sombras, observo os seus movimentos enquanto fumam e deitam as malditas beatas na nossa terra.



— Vá lá, vira-te que vou ali aliviar a bexiga — diz o mais novo, afastando-se um pouco. O homem abre a capa e vira-se de costas para urinar.

Aguardo em silêncio. Estrelas tristes cravam-se no céu e observam a minha ousadia com pouca esperança. Já me viram muitas vezes aqui, pelos telhados de Absinto depois do toque de recolher, quando os vespas patrulham a colônia em nome de uma suposta ordem, para traficar todacura ou até saquear a nossa horta — ou pior.

Absinto é também uma região seca durante o verão. É nessa altura que o sol castiga o nosso povo com crueldade, impedindo o cultivo da maior parte dos vegetais e hortícolas. Raras são as nuvens e a chuva demora a cair. A estação é tão intensa que se impõe sobre o outono de forma arbitrária, aquecendo as primeiras semanas como se nada tivesse mudado. Mas agora estamos no fim do outono e as noites começaram a arrefecer. Quando a lua cheia surgir, veremos finalmente uma nova oportunidade para trabalhar a terra, que aos poucos será preparada para a primavera. Pela manhã, o céu já aparece nublado com mais frequência, e os ventos também têm ganhado força. Dentro de semanas, as tempestades e trovoadas rugirão com fúria, como se o céu estivesse revoltado com as injustiças da Terra — até porque o pequeno pedaço de horta onde temos permissão para cultivar produtos para a feira livre é invadido e saqueado.

Espanto os insetos que insistem em pousar no meu rosto ferido. Quanto mais perto estiver do valado das libélulas, pior será. Olho em volta. O silêncio da noite é entrecortado pelos sons que vêm do interior das casas. O céu iluminado faz a Pedreira brilhar lá ao fundo da colônia. O meu olhar segue o que consigo ver da vedação elétrica que rodeia a nossa terra, atravessando o meio da mata, vigiada por dezenas de vespas — os guardas de uniforme cinzento que disparam para matar se alguém se aproximar demasiado. Provavelmente foi um deles que matou o meu único tio, quando eu tinha uns seis anos.

Ninguém devia sair de casa à noite. No entanto, a ordem é ainda pior quando os filtradores aparecem, porque os besouros vêm atrás e intervêm na colônia, tornando tudo ainda mais hostil.



Apesar disso, embora tema os recantos sombrios, é também aqui que encontro os filtradores, como estes dois idiotas, e posso persegui-los pelos telhados que os meus pés conhecem bem, a gastar adrenalina, a dançar com a noite em busca de qualquer pista sobre como conseguirei a cabeça do meu maior inimigo.

Tenho de engolir em seco ao lembrar-me de como a minha mãe me apertou os ombros há umas horas, sussurrando uma porção de palavras indecifráveis. Nos olhos dela, o medo de ser encontrada — e mais não sei o quê. Algo horrível. Algo que lhe encheu os olhos de lágrimas. Obrigada a trancar-se comigo durante horas dentro de um guarda-fato escuro e húmido, o pavor tomou conta de mim ao sentir-lhe a carne a tremer nas minhas mãos. No saco de nabos sobre o lava-louça da cozinha, um recorte de papel dizia:

*Éden convida Absinto a comparecer ao discurso do Presidente Ádamo na Praça da Ponte, ao soar da última badalada do sino. Preparem-se para um impressionante fogo-de-artifício.*

Mesmo sem saber ler na perfeição, *mamana* encontrou maneira de decifrar aquele bilhete. Talvez tenha reconhecido o nome de Ádamo e o desenho da Praça da Ponte tenha sido suficiente para a pôr em pânico. Ou talvez tenha sido o selo real copiado.

O bichinho da ansiedade começa a consumir-me aos poucos. Nunca estive tão perto de executar a minha vingança. Não faço grande ideia de quão difícil será colocá-la em prática, e ando a tentar enganar-me ao pensar que conseguirei alguma pista com estes dois idiotas lá em baixo.

— Isto é horrível— resmunga o filtrador mais novo, ao regressar. — Ninguém me disse que esta parte cheirava tão mal. Foda-se.

— É por isso que fumamos.

O grandalhão deita fora a ponta do cigarro, esmaga-a com o pé e cobre o rosto com o capuz.

— Eh, Rona, essa era a minha última ponta.

— Bora, molengas. Não sou como o teu pai — resmunga ele, retomando o caminho. — A colheita está fraca.



Rona. Mais um nome para a minha lista. Com o máximo cuidado, movo os pés descalços, à procura de equilíbrio por cima das ripas do telhado. Deslizo agachada, seguindo o movimento dos inimigos. Em silêncio, os encapuzados viram uma, duas, três ruas. Mantenho-me sempre meio abaixada, agradecendo aos astros do céu, que esta noite iluminam os telhados com entusiasmo.

Por um momento, tenho de me desviar de um telhado de colmo e quase os perco de vista, mas assim que salto de uma casa para outra e volto a encontrar o rasto dos dois, o meu pé escorrega na humidade de uma viga de madeira. Reprimo um grito e caio sentada sobre a mesma viga com um baque seco.

É o meu fim.

Penso rápido. Prendo a respiração, pronta para correr, saltar, esconder-me numa caixa de água, num caixote do lixo ou até mesmo nas margens do valado, se conseguir lá chegar. No entanto, não é para o alto da casa que os estrangeiros estão a olhar, mas sim para a silhueta de um homem que leva algo à boca, encostado à entrada do único casebre pintado de vermelho.

— Patrulha 65, acompanhar o meu rasto pelo lado este, junto ao maldito valado. Casa vermelha — comunica o grandalhão através de um pequeno rádio que sacou rapidamente do bolso. Os meus olhos brilham. Sempre quis roubar um desses.

— Não ouviste o toque de recolher? — pergunta o mais novo, de repente com um tom ameaçador que em nada combinava com ele há cinco minutos. — Os macacos obedecem às regras.

O homem só se mexe para trincar a fruta. Mastiga. Cospe o caroço na direção dos filtradores.

— Acho melhor desfazerem essa ordem — diz ele com tranquilidade. — Tenho algo que vocês querem. Os macacos têm orelhas grandes.

É impossível soltar o ar dos pulmões. Isto vai dar confusão — e das grandes. O cheiro adocicado da fruta chega-me ao nariz: caju, disputadíssimo quando aparece no pé. É preciso ter muita sorte para conseguir um na feira livre, onde os preços são mais baixos para que não morramos de fome.



Devagar, recolho a perna para cima do telhado, a torcer para que ninguém repare no meu movimento. Preciso de sair daqui agora, mas a curiosidade costuma ganhar as minhas batalhas.

— Explica-te — pede o grandalhão.

— Podes chamar-me Tássio — diz o homem num tom galanteador. — Os dias têm sido uma merda para vocês, meus caros. Diz-se por aí que uma boa informação vale mais do que as nossas lindas raparigas. Quero que me digam se é verdade.

Os filtradores trocam olhares, como se estivessem a decidir o que fazer com o infrator de uma das principais regras da colónia: recolher-se em casa quando já não há energia. Sem aviso, o grandalhão avança na direção de Tássio, esmagando-lhe o pescoço com uma só mão. O novato até dá um pequeno salto, excitado. Com a voz estrangulada, Tássio esforça-se por dizer:

— Sei... sobre... ela. Sei... dela.

Espio as extremidades do telhado, com medo de que apareçam besouros. Dizem que o motivo de eles se moverem tão depressa à noite é por conseguirem ver no escuro por trás dos capacetes.

O grandalhão afrouxa os dedos e aproxima-se o suficiente para derrubar Tássio com uma cabeçada. O caju escapa finalmente da mão do preto e rebola pelo chão.

— *Quem* é ela?

— Vais arrepender-te de me teres posto a mão em cima.

— Dá-me um bom motivo para não fazer pior.

Tássio engole em seco, ergue a cabeça e solta um sorriso malandro.

— Eu sei que ela tem muitos nomes — diz ele, fazendo uma pausa dramática, a voz transformada num sussurro. — Ela rasteja à noite em silêncio, desliza pelos nossos barracos e depois pelos vossos pés brancos. Sei que está a preparar-se para atacar a qualquer momento. São uns parvos se acham que os macacos obedecem a regras nos seus próprios territórios.

A fala não suaviza a expressão do grandalhão, mas pelo menos agora ele parece interessado. O filtrador mais novo desata a rir alto. Fixo os olhos no caju e torço para que desapareçam todos dali em



poucos minutos, deixando a fruta para trás. É demasiado cara para não ser comida, mesmo do chão. Será que dava tempo? A qualquer momento, pode chegar uma manada de besouros. Tenho de desaparecer daqui agora.

— É só isso? — pergunta o grandalhão.

Ao ser encorajado, Tássio pigarreia e tapa um lado da boca com a mão.

— Sabes que mais? Tenho uma irmã de beleza excepcional — diz ele. — Sabes que a língua dela é afiada, mas pode ser domada. Queres mesmo saber? Sou o único parente dela aqui. O prémio da metrópole vinha direitinho para mim, percebem? Estou a pensar pedir terra boa e sementes para plantar laranjeiras. Adoro laranjas. Que dizes, entras e conheces a Liginha em troca do paradeiro da cobra?

Eu percebi bem? Este tipo quer vender a própria irmã?

— Mãos na cabeça! Agora!

Dito e feito. Está demasiado escuro para contar com precisão, mas uns seis besouros surgem das sombras — bem mais perto do que eu imaginava. Apontam as armas a Tássio e gritam ordens com autoridade.

Os pelos da minha nuca eriçam-se no exato momento em que uma voz sussurra atrás de mim:

— Vem comigo.

Giro em silêncio e vejo a silhueta de um rapaz jovem. Merda! Estou a ser uma péssima espiã esta noite. Penso em apontar-lhe uma faca ou ficar ali só para tentar recuperar o caju. Apesar do susto, ao contrário do comando dos besouros, o «vem comigo» saiu num tom de voz preocupado.

— Filho de uma maldita! — grita um deles lá em baixo.

Ouço o som de um murro. Outro. Tássio resmungua. Os golpes intensificam-se. O turbilhão de pensamentos paralisa-me, mas o medo de ser apanhada faz-me seguir o rapaz, que desliza pelos telhados com a agilidade de um gato — provavelmente mais habilidoso do que eu.

Partimos juntos por cima das casas. À medida que nos esgueiramos, o meu coração bate com força. O ar húmido molha a noite,



por isso redobro a atenção a cada passo. Não posso ser burra ao ponto de voltar a cair.

Sigo o rapaz-gato e saltamos por cima de umas oito casas em silêncio. Os sons dos ataques a Tássio desaparecem até encontrarmos uma laje de betão com duas caixas de água. O espaço entre elas é um esconderijo perfeito, onde consigo sentar-me de novo e acalmar o coração. Longe o suficiente do ataque, perto o suficiente de um completo desconhecido — mas que, pelo menos, não é branco nem me apontou uma arma.

— Nunca pensei que um dia fosse salvar a filha da Doidinha.

Percebo imediatamente, pelo tom de voz, que ele é ela. E ela sorri.

Esforço-me para não demonstrar surpresa e aguardo que os meus olhos se habituem à penumbra entre os reservatórios. Um leve cheiro a carne congelada desprende-se da bolsa entrelaçada da rapariga.

— Não me salvaste — afirmo.

— Não? Sempre a fugir pelos telhados no meio da noite. Autosuficiente e convencida. É uma boa descrição para ti? — O sarcasmo pontua-lhe cada palavra.

Talvez.

— Na verdade, tu é que pareces estar a fugir, o que é bastante irónico. Temos cercas. Devíamos estar a dormir.

A rapariga sorri. De repente, sou tomada por uma grande vontade de voltar para casa, de me deitar na cama e pensar no que acabei de ouvir. Foi uma caçada produtiva, apesar de tudo. Consegui o nome de um filtrador e uma informação importante o suficiente para servir de moeda de troca para um convencido qualquer. Cobra é, decerto, um nome de código para alguém que os filtradores temem. Ele usou pronomes femininos. Quem seria essa mulher? Uma rebelde, talvez? Por um momento, imagino que a rapariga à minha frente pudesse ser essa tal cobra misteriosa. Pelo menos tem a cabeça rapada.

— Ouviste o que eu ouvi sobre uma cobra? O que achas que é? — Tento, usando a minha melhor cara de desinteressada. — O tipo sabia de alguma coisa... Estava a tentar trocar informação por...



— Vender. Estava a vender a própria irmã — completa ela, pensativa. — Os homens não prestam. Nunca confies neles.

— Pode ter sido bluff.

— Se acreditas nisso, és bem mais ingénua do que pensei. A Filtragem revela o lado mais sombrio dos homens. São capazes de inventar qualquer coisa para conseguirem as mordomias da beira do mundo. Espero que aquele ali apodreça e morra.

O ódio da rapariga atíça a noite. As palavras saem com tanta raiva que ficamos em silêncio durante alguns minutos. Penso no quanto devo parecer ingénua, e nas imagens que guardo do meu tio e do meu avô — os únicos homens da minha família de quem me lembro. Eles não eram um lixo. Lembro-me do quanto se dedicaram a cuidar da minha mãe, e do quanto cochichavam promessas sobre um motim capaz de destruir as cercas, os vespas, os besouros, tudo. Pergunto-me o que fazia com que as faíscas nos olhos deles se apagassem tão depressa. Talvez a ausência de outras madeiras em brasa seja o verdadeiro motivo pelo qual as nossas ameaças nunca pegam realmente fogo.

Mais uma vez, o cheiro a carne invade o ar, e decido quebrar o silêncio.

— Porque é que rapaste o cabelo?

— É assim tão difícil perceber?

— Não sou boa a adivinhar.

— Bem, sabes que estás a falar com uma rapariga, certo?

De repente, a conclusão atinge-me como uma flecha. Ela não quer ser confundida com um homem. Só quer ser menos desejada. Está a tentar escapar à Filtragem assim como...

— Tipo tu, só que mais esperta — brinca ela. — O cabelo cresce. Uma cara horrível como a tua deve deixar cicatrizes para sempre.

Engulo em seco. Ser motivo de chacota como agora devia dar-me vontade de atacar ou de cavar um buraco e esconder-me, mas estou diante de uma rapariga que não só desacredita do sistema, como está a tentar passar-lhe a perna. De repente, ela tira um caju de dentro da mala e dá-mo.



— Toma. Vi que estavas a olhar para um destes como se nunca tivesses comido na vida. É bom.

— Não, não posso aceitar.

— Pega lá, antes que me arrependa. Tenho mais um aqui. Troquei-o pela carne de uma boa caçada da semana passada.

— Não tenho nada para oferecer em troca agora... A não ser um sítio onde te possas esconder.

A rapariga avalia em silêncio. Por um momento, parece disposta a aceitar a minha oferta. Os meus olhos habitam-se ao escuro e consigo ver uma pinta a marcar-lhe o rosto, quase entre o fim do nariz e a boca.

— Não percebo porque não te escondes. Seria mais fácil do que esfolares a própria cara.

— Não para a minha mãe... — respondo, sem vontade de explicar que a minha mãe tem um cisma anormal com a Filtragem. Aposto que nenhuma das mães de Absinto escondia o seu bebé dentro de um forno a lenha com medo dessa seleção estúpida que nem avalia recém-nascidas.

— As coisas são... complicadas.

— Imagino.

A rapariga atira-me o caju suavemente e, em poucos segundos, esgueira-se até à ponta da casa onde estamos. De repente, tudo o que eu quero é que ela não vá embora. Talvez pudéssemos passar a noite aqui em cima, a partilhar dentadas na fruta e a fazer planos de fuga. Se ela sabe caçar, tem um arco. Quem sabe não seja parte essencial para a execução de Ádamo na noite seguinte! Tudo isto atravessa-me a cabeça num instante, como um trovão. No entanto, com o coração a bater com mais força, a única pergunta que consigo fazer é:

— Ei, a quem devo agradecer?

— Eu sou a irmã que ele quis vender.

A rapariga evita fitar-me e, cheia de habilidade, salta do telhado.



## 4

### Chá com bolinhos

Encaro a folha em branco à minha frente. Parece-se com o futuro de todas as raparigas que são levadas sem poderem contar os dias que lhes restam. Molho a ponta da pena num caco de telha com pingos de tinta e rabisco qualquer coisa. A mancha vermelha faz lembrar sangue — quase como se a folha fosse a pele de um desertado cortada pelo fio de uma navalha. Na verdade, talvez fosse mais fácil arranjar pele de animal do que uma folha de papel para pintar. Papel não se vende por aqui. O que tenho foi roubado das embalagens de Doravel, daquelas que seguem para parte incerta.

Não estou habituada a ver a luz do sol entrar pela janela de casa a esta hora da manhã. Mas hoje, pela primeira vez na vida, estou a viver o tal Dois Sétimos, a ser paga para ficar em casa. Escapa-me um sorriso amargo e traço mais uma linha sem sentido, seguida de várias outras. Não faço ideia do que estou a pintar, nem o que fazer com o meu tempo livre. As minhas mãos tremem, o coração bate a um ritmo acelerado. Aproximo a pena do tinteiro improvisado e, de repente, com um gesto descuidado, viro-o e deixo-o cair no chão.

Fecho os olhos e tento respirar. Os gemidos fracos, mas constantes, da minha mãe ainda ecoam pela casa. A minha tia-avó, ocupada com as suas infusões na mesinha do lavatório, começa a cantarolar uma cantiga qualquer, como se estivesse alheia a tudo.

— Desculpa — murmuro, ao ver que os pingos do tinteiro salpicaram o chão. Peço desculpa porque sei o trabalho que ela tem a preparar estas tintas para mim. São feitas com seiva de plantas,



gordura animal, argila, sangue e ossos moídos. Nunca conseguiria pintar tanta coisa sem a ajuda dela.

A minha tia-avó Cremilda aproxima-se apenas para pousar uma caneca de chá a fumar sobre a mesa. *Tinyanga* — é esse o nome que damos a pessoas como ela. Um lenço apertado cobre-lhe a cabeça, de onde escapam alguns fios grisalhos. O contraste entre os cabelos e a pele negra é marcante; o nariz achatado é quase mais largo do que os lábios e, hoje, o seu olhar perolado evita o meu para não encarar as minhas cicatrizes.

— Bebe, *n'wana* — ordena ela. A voz, velha, mas firme como sempre. — Não é o mesmo que o da tua mãe, fica descansada. Vai só acalmar-te. *Jana loko usvilava...*

— Vou esperar que arrefeça, obrigada — murmuro, enquanto volto a colocar o tinteiro sobre a mesa e observo o desastre do desenho abstrato que fiz. Tive uma noite horrível. Nunca pintei nada tão mau, nem desperdicei tanta tinta.

— Não podes deixar que a turbulência de Amara te atinja, *n'wana*. Acende o incenso de folhas que a tua *xikoxa tinyanga* preparou e sopra-o pela casa quando o tempo ficar cinzento. Tens de afastar as vozes da inquietação e do medo — aconselha. De repente, as rugas no seu rosto acentuam-se e o olhar da mulher endurece ainda mais. — Já não suporto ouvi-las por aqui.

— A senhora sabe que nem sempre é assim — replico, enquanto ela regressa ao lavatório, quase a terminar o remédio da minha mãe, cujos gemidos continuam. — Ela ficou assim depois de saber da chegada do Á...

— *Kuna yini?* — interrompe, num tom cortante. — Maus preságios acompanham esse nome. Pronuncia-o apenas quando for necessário.

A sério? Na maior parte das vezes, ela é demasiado supersticiosa. Como é que alguém teria o poder de se propagar através do próprio nome? Bem, não sei. Prendo as mãos trémulas entre as coxas e ouço o seu cantarolar voltar a flutuar pela casa, misturando-se ao fumo do meu chá de capim-limão. O cheiro é agradável e o calor aquece-me. Nada além disso — e da presença da nossa anciã



— poderia arrancar a mamana do terror que a paralisa desde o bilhete.

Só eu sei o que passei, acordada a noite inteira com os gritos de pânico, a imaginar a hora em que um vizinho bateria à porta no meio da madrugada, ou coisa pior. Os braços dela a envolverem-me a todo o instante, o seu sussurro incontáveis vezes ao meu ouvido, um murmúrio doído que só eu conseguia decifrar: filha, eu amo-te.

— *Yena wata nhambi hingali kona*. Animada para ver luz à noite? — pergunta ela. — Vai ser uma beleza, hã? Fogo de artifício, aqui a tua *xikoxa tinyanga* sempre quis ver.

Estou zero animada. Passei a noite inteira entre acalmar a minha mãe e tentar delinear algum plano que fizesse sentido, mas não faço a mínima ideia de como me vou sequer aproximar do presidente, porque ele provavelmente estará cercado por um comboio de besouros. Não me apetece admitir, mas a verdade é que, sozinha, não terei a menor hipótese.

Respondo qualquer coisa e a minha tia termina o chá. Vira-se na direção do quarto da mamana, ainda a evitar olhar para mim. As fissuras no meu rosto estão a cicatrizar mais depressa do que antes. Mesmo assim, ela nunca concordou com esta prática da minha mãe, e sinto que sofre por não a conseguir evitar.

Como será a vida dela naquele casebre no meio da mata? Cerca-da por plantas, pedras, insetos, frascos, sementes e raízes. Sempre procurada para ajudar algum doente, recebendo ingredientes em troca. Na minha missão, sou tão solitária quanto ela. Às vezes, tão calada quanto ela, mas cheia de vontade de falar. Imagino o que a tia Cremilda faria no meu lugar se precisasse de aproveitar a única oportunidade da vida para cercar um homem e obrigá-lo a dizer o que aconteceu à sua mãe naquela altura, porque a devolveram naquele estado e porque é que ninguém se importa.

Antes que eu pergunte, ela faz jus à alcunha de bruxa e aproxima-se ainda sem me encarar.

— O que queres saber, Freya? O que perturba o teu coração? Fala.



Respiro de forma conturbada. De algum modo, a presença dela causa-me estranheza, uma disposição natural para lhe obedecer, como se tivesse o poder de obrigar as pessoas a responder a qualquer pergunta.

— Não sei o que se está a passar, tia. — As palavras escorrem-me dos lábios sem que as consiga conter. O ritmo no meu peito acelera. As últimas horas passam como um borrão diante dos meus olhos. Tenho evitado encarar este sentimento estranho dentro de mim. — Eu amo-a mais do que tudo neste mundo. Mas também sinto... que vivo por ela. E... — De repente, fios de lágrimas escorrem-me pelas bochechas. A minha voz quebra-se. Engulo em seco, aflita. As coisas que nunca disse a ninguém coçam-me as costas dos lábios, e é tão difícil contê-las agora. — Tenho muita raiva cá dentro. Não sei quem sou. Não sei o que quero, tia. Sinto raiva por dentro.

A tia Cremilda suspira e passa-me a mão pelo ombro algumas vezes. Cantarola. O meu corpo treme e seguro-me para não desabar em lágrimas e parecer ainda mais fraca do que já sou. Espero pelo que a *tinyanga* da família vai dizer. Será agora que ela vai deixar de velar pela minha mãe e cuidar um pouco de mim? Projeto uma cena infantil em que ela me abraça e me deixa descansar no seu colo. Mas logo me repreendo por ser uma idiota egoísta. E então descubro que nem precisaria de tanto, porque a curandeira da família simplesmente se vira e caminha com o chá nas mãos em direção aos gemidos da *mamana*, deixando-me perdida no silêncio de mim mesma.



**A Dona** Amara melhora consideravelmente e, à tarde, até já consegue almoçar connosco. Tomamos caldo de cebola, as três, juntas. O sabor é bom, mas, apesar do esforço, a tigela dela demora muito a esvaziar.

— Estás com saudades de comer carne, é isso, mãe? — pergunto.

Com os olhos cansados, ela levanta ligeiramente as sobrancelhas e esboça um sorriso tímido e culpado. Depois, beija o colar de



contas num gesto habitual que pode ter trezentos mil significados — nunca sei qual. Limito-me a sorrir de volta. Ela está a regressar aos poucos. É tão bom ver nem que seja apenas uma migalha de sorriso no rosto dela num dia tão difícil, em que só a menção da proximidade de Ádamo é suficiente para a adoecer mais do que o habitual. Envergonhada pelo que disse mais cedo à minha tia, dou um beijo apertado no rosto da minha mãe e deixo-me embalar pela sensação de vê-la melhorar.

Volto à pintura e tento esvaziar a cabeça, mas, mais uma vez, nada faz sentido no papel. O céu já começa a perder luz quando visto o manto contra o frio e decido tentar trocar o meu caju por um pedaço de carne, já que sou uma péssima caçadora. Retiro a fruta do tonel de gelo, envolvo-a num pano e guardo-a cuidadosamente dentro da bolsa de couro. Saio enquanto a minha tia-avó conversa com a minha mãe e aproveita para coser uma colcha, grata por ela ter decidido ficar por perto — pelo menos hoje.

Aquela rapariga quase vendida pelo próprio irmão foi bem esparta, penso. Sem coragem para reforçar os cortes no rosto, arranjo o cabelo sujo de forma a esconder-me a face, abro a porta e observo a movimentação na colónia.

*Fo-go-na-ter-ra!* Uma atmosfera de entusiasmo espalha-se neste fim de dia nublado. Há poucos besouros a patrulhar em duplas, face à quantidade de gente a circular de um lado para o outro, a conversar como se fosse um dia feliz. Talvez o seja.

Caminho de braços cruzados, arripiada com o vento que toca nas minhas feridas, e não demoro a encostar-me ao balcão sombrio daquele lugar onde o cheiro inebria qualquer um — menos o próprio Ismael e a sua família. O tetracampeão consecutivo da Festa da Cabeça de Javali vende todo o tipo de caça, e talvez por isso a maioria de nós cresça a criar boatos sobre ele. Sempre tive medo daqueles olhos pretos e do bigode farto. E depois, todas aquelas cabeças de jacaré, cão-do-mato, tatu... Como é que ele consegue caçar tão bem deste lado da mata?

— Se vieste encomendar fígado, a lista de espera é longa — diz uma voz suave ao meu lado.



Pertence a uma rapariga muito bonita. O cabelo crespo está apanhado em tranças embutidas, e uma flor de pétalas negras repousa atrás da orelha dela.

— Talvez hoje consiga passar à frente — murmuro, a pensar no valioso caju escondido na minha bolsa.

— Prazer, Freya. Eu sou a Ruana.

Aceno com a cabeça, à espera do talhante, mas não deixo de estranhar a menção ao nome que a tia Cremilda me deu. A voz da Ruana é tão familiar... Serei eu a única que não conhece toda a gente numa colónia tão pequena? Será que já a vi nas minas?

— Acho que nunca vi essa flor na vida — digo, por fim.

— É um cravo — responde ela. — A minha família cultiva plantas exóticas.

— Como conseguem?

— Alguns comerciantes e nómadas trazem sementes durante o inverno.

— Mas que raio é que vocês estão a fazer aqui?! Por mil demónios! — brama o talhante, emergindo das sombras da barraca onde nos apoiamos, em frente à sua casa.

Olho para Ruana sem saber o que fazer. A não ser que queira ser selecionada, é mesmo muito perigoso que uma rapariga tão atraente como ela esteja assim, na rua, à vista de todos.

— São estes pedaços de carne. Estes malditos pedaços de carne — resmunga o homem, espantando moscas e puxando os ganchos de carne vermelha pendurados na barraca, que ninguém ousaria roubar. Não de alguém cujo murro podia desfazer-te em pedaços.

— Quero fazer um acordo. Uma troca — tento.

— Aqui não há trocas, miúda! Se os teus miolos funcionam, faz o que a tua mãe doidinha te ensinou e fecha-te dentro de casa.

Ruana observa a cena em silêncio. Nunca vi alguém recusar vender. Nunca vi este homem assim tão irritado. Estou prestes a responder quando ele arregala os olhos para algo atrás de nós e, antes que eu me consiga virar, o senhor Ismael levanta uma parte do balcão, abre uma passagem, agarra-me com força pelo braço e puxa-me para dentro da barraca. Logo a seguir, o corpo de Ruana



encosta-se ao meu, e, num sussurro apressado, ele empurra-nos lá para dentro.

— Aqueles cães do inferno já andam por aqui a farejar, suas idiotas. Querem ser levadas?

A voz dele soa como um latido abafado. Com a mão esquerda, puxa uma faca da mesa e o meu coração dispara.

— Vá, entrem já, suas demónias.

Por fim, somos empurradas para um corredor onde há latões empilhados, cheios de gelo e carne crua, até que ele desaparece por detrás de uma cortina, de volta ao balcão.

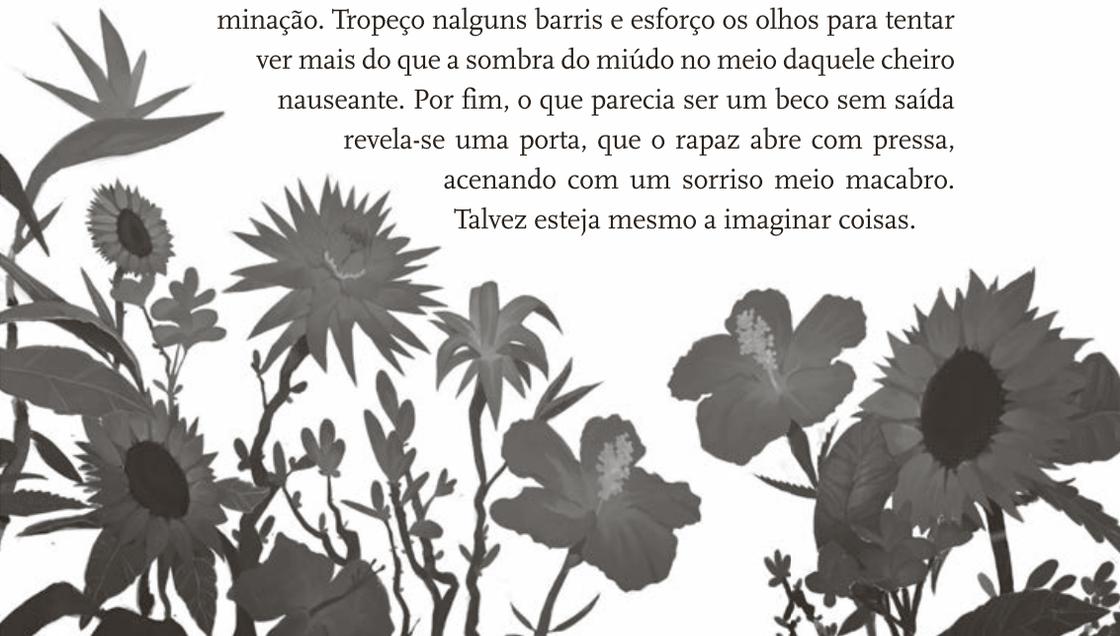
— Ai. Que fedor — reclama Ruana, colada a mim.

Calma! Está a acontecer tanta coisa ao mesmo tempo. Primeiro, a presença da rapariga, tão próxima de mim, provoca-me uma sensação inexplicável de calor por dentro. Depois, o odor inebriante choca com qualquer hipótese de prazer no meu corpo, e obriga-me a tapar o nariz com os dedos para fugir àquela pestilência insuportável.

— O que fazemos agora? — pergunto.

— Por aqui — diz uma voz de criança atrás de mim.

O pirralho faz sinal e desaparece entre as pilhas de latas. Se Ruana não tivesse olhado na mesma direção que eu, pensaria que estava a imaginar coisas. Atravessamos um longo corredor, seguindo os passos do que suponho ser o filho do caçador. Não há qualquer iluminação. Tropeço nalguns barris e esforço os olhos para tentar ver mais do que a sombra do miúdo no meio daquele cheiro nauseante. Por fim, o que parecia ser um beco sem saída revela-se uma porta, que o rapaz abre com pressa, acenando com um sorriso meio macabro. Talvez esteja mesmo a imaginar coisas.



— É a filha da Doidinha. Ela está aqui — anuncia ele ao entrar na divisão.

Eu e a Ruana damos por nós num compartimento apertado, cheio de tralha acumulada e com luz escassa. A tia Cremilda costuma dizer que há quem prefira viver durante o dia com luz fraca para não se esquecer de como é a noite sem eletricidade.

Logo à frente, o rapaz desaparece por detrás de uma cortina feita de tiras de malha colorida, que serve de porta. Segundos depois, surge Dona Rita, a esposa do talhante. Costumo vê-la de vez em quando ao balcão, sempre com um sorriso trocista, como se adorasse exhibir as suas preciosas carcaças. Agora, o rosto está tão inchado que os olhos mal se distinguem entre as olheiras arroxeadas.

— Ele mandou-vos cá para dentro? — pergunta ela, mal-humorada.

Eu e a Ruana trocamos mais um olhar perdido. É ela quem decide falar:

— O seu marido estava com receio dos filtradores. Não queremos incomodar.

— Não queremos incomodar — repete ela, com um falsete irónico. Cruza os braços com força. Varre-me o rosto com os olhos e esboça uma expressão de nojo ao ver o estado em que estou. — Tu não precisas de fazer muito para te proteger, miúda. Acabou. Eles já têm o que querem, esses cavaleiros do apocalipse. Vão-se embora ainda hoje.

Não sei se acredito nela. A Filtragem costuma durar pelo menos dez dias, e ontem à noite ouvi um caçador dizer que «a colheita está fraca». Só quero fugir deste cheiro, correr em direção à luz que nos foi dada. Pergunto-me se a Micaela, a filha deles, estará trancada nalgum quarto, superprotegida pelo pai. Na verdade, se ela estivesse aqui, eu devia ouvi-la. Esta casa é bem mais pequena do que a minha. O cheiro a carne crua vem de todo o lado. Como é que conseguem viver assim? Será que já estão habituados?

Ruana imita-me e começa a bisbilhotar a casa sem qualquer disfarce. Os seus olhos pousam sobre a quantidade de facas numa



mesa de canto, perigosamente próximas de uma criança. De uma delas ainda pinga sangue.

— A senhora também tem uma filha, não tem? — pergunto.

— Olhem lá, não pensem que vos vou servir chá com bolinhos nem fazer conversa como se fôssemos amigas. Quando o Ismael ganha aquele torneio por causa de um javali idiota, isto enche-se de gente, piores que moscas. Mas quando é a sério, quando se precisa mesmo de ajuda... nem um amigo aparece para dar a cara — vai dizendo ela, com um olhar duro, antes de desaparecer por detrás das tiras, com passos pesados.

De repente, o rapazito fecha os olhos, contorce o rosto e começa a chorar alto.

Um barulho lá fora chama a atenção. Ruana olha para mim, tensa. Depois, verifica as facas.

Aproximo-me do menino para tentar acalmá-lo, assustada com a espessura das lágrimas que lhe escorrem pelas bochechas. É um choro de dor, de agonia — e parte-me por dentro.

— Não precisas de chorar — improviso, sem saber como continuar. — A tua mãe está só nervosa...

— Mas levaram-na. Os monstros levaram-na — murmura ele.

— Não, ela foi só até à cozinha. Queres o chá com bolinhos? É isso?

O menino engole parte do choro apenas para conseguir explicar:

— A minha irmã. Levaram a Mica. E vão levar-nos a nós também.

O *quê?* Engulo em seco. Isso não pode ser. A Micaela não deve ter mais do que 12 anos. Tenho a certeza disso.

— Eles vieram cá durante a madrugada, discutiram com o papá e levaram-na...

Mas antes que consiga continuar, ouvimos um grito abafado do lado de fora:

— Seus desgraçados! — grita o senhor Ismael.

Algo pesado cai sobre latas velhas com um estrondo. Parece o corpo de alguém.

Ruana arregala os olhos, pragueja, agarra o menino pelo braço e praticamente atira-o em direção à cortina de panos. O rapaz



cambaleia e cai nos braços da mãe, que surge com os olhos esbugalhados.

— Foram vocês que os trouxeram para cá?

— Não façam nada. Não reajam. Deixem isso comigo — pede Ruana, de repente parecendo dez anos mais velha. Corre para junto das facas e aponta uma delas na minha direção. — Tu. Esconde-te.

— Não.

Passos apressados aproximam-se do lado de fora.

— Anda. Não temos tempo. Pensa na tua mãe e obedece-me.

É tão ridículo alguém tentar proteger-me que me limito a não responder. Além disso, se formos atacadas pelos filtradores, não me vão querer a mim — vão querê-la a ela. Finjo que as minhas mãos não estão a tremer nem a suar. Pego nas duas últimas facas da mesa enquanto o coração me bombeia adrenalina pelas veias. Serei capaz de fazer o que for preciso quando chegar a hora?

De repente, Rona arromba a porta com um pontapé. Dou um salto para trás, assustada, mas mantenho-me firme e alerta. Os filtradores nunca andam sozinhos. Se o senhor Ismael desfez a cara do branco sardento que anda colado a este brutamontes, pode aparecer para nos salvar a qualquer momento.

Rona analisa-me com o olhar e depois, com o punhal de Ruana apontado ao peito, sorri com malícia.

— Sai daqui e deixa-nos em paz — ordena ela.

O homem cospe na direção de Ruana. O cuspo cola-se a um dos olhos dela. Lembro-me de como ele quase rebentou a garganta do Tássio em segundos. Tento apagar o medo do meu rosto e parecer-me mais com Ruana, que o encara com uma expressão impassível.

— Não vou repetir — avisa ela. — Não vamos fazer parte da tua Filtragem. Procura outra.

Rona acha piada.

— Filtragem? Não quero filtrar-te. De que me servirias? Raparigas como tu costumam ter outro destino nas nossas mãos.

— Devolvam-me a minha filha! — berra Rita. Com um braço apertada o filho, que trocou o choro pelo susto; com o outro aponta para Ruana. — Levem-na a ela em troca da minha filha. Por favor.



— Com todo o prazer — diz Rona.

O filtrador avança em direção a Ruana. Ela ergue os punhais, a tremer, à espera do ataque. Depois, tudo acontece depressa demais. O homem faz-lhe uma rasteira e ela cai. Abafa um gemido. Uma das facas tilinta ao tocar no chão. Não tem tempo para se recompor — com o olhar de predador, Rona atira-se sobre ela como um urso, domina-a, empurra-a ainda mais para o chão e ruga como uma fera.

O grito brutal faz com que as minhas mãos tremam e as facas quase escorreguem dos dedos suados. Fui ignorada. Ele não me vê como uma ameaça — mesmo com duas lâminas nas mãos, prontas para se cravar nas suas costas e deixá-lo paralítico para o resto da sua miserável vida. Se não sou capaz disso, como serei capaz de arrancar a cabeça do Presidente?

Ruana guincha, perde força. Ele toma-lhe um dos punhais da mão e, quando está prestes a golpeá-la, reúne toda a força da minha perna e dou-lhe um pontapé com o bico do pé no peito. O meu corpo inteiro estremece. O golpe é forte o suficiente para o desequilibrar.

A adrenalina faz-me querer mais. Mais!

Ele tenta recuperar o punhal caído.

— Vou matar-te! — grunho, o mais ameaçadora que consigo, apontando-lhe as facas. — Não te mexas.

— Vais mesmo, espantalho?

O sorriso aparece-lhe nos lábios tão rápido quanto desaparece. Ruana risca o ar com um golpe certo na direção do pescoço dele. Um jato de sangue quente esguicha-me sobre o rosto, salpica-me os lábios. Nem tenho tempo de fechar os olhos antes de provar o doce sabor da morte.



# FREYA MORA NUMA COLÓNIA ONDE AS PESSOAS DE PELE NEGRA SÃO CONFINADAS.

Ela vive assombrada pela Filtragem, o programa da metrópole que seleciona as raparigas mais bonitas para passarem as suas vidas em Éden, usufruindo dos privilégios da capital tão desejada.

Freya recusa-se a acreditar nessas promessas. Ela tem a certeza de que a Filtragem é um disfarce para os piores pesadelos. Algo terrível acontece do outro lado da cerca e as Filtradas correm perigo. Ela sabe isso porque a sua própria mãe foi uma Filtrada. A única que retornou...

COM UMA NOVA FILTRAGEM À VISTA, FREYA PRECISA DE DECIDIR ATÉ ONDE ESTÁ DISPOSTA A IR NÃO SÓ PARA SOBREVIVER, MAS TAMBÉM PARA SE VINGAR.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 [seekthebutterfly.pt](https://www.instagram.com/seekthebutterfly.pt)  
 [secretsocietypt](https://twitter.com/secretsocietypt)  
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-803-5



9 789895 838035

